

Telecolaboração e pandemia: viabilizando a interação em momento de distanciamento social

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3226>

Daniela Nogueira de Moraes Garcia¹

Resumo

Em época sem precedentes, a pandemia de COVID-19 tem gerado rupturas e a educação, desde 2020, articula cenários para driblar fragilidades e evitar a descontinuidade do ensino/aprendizagem. No ensino superior, o teletandem (TELLES, 2006, 2009), um contexto virtual, autônomo e colaborativo, tem viabilizado a interação entre os povos. Assim, pautamo-nos no uso das tecnologias, ações em tandem e telecolaboração para abordar a colaboração *on-line* diante do distanciamento social. Este estudo ancora-se em metodologia qualitativa para apresentar um estudo de caso, investigando potencialidades e desafios da prática, totalmente à distância. Os resultados demonstraram que, apesar de ampla experiência com a logística e condução das sessões de teletandem, foram observadas potencialidades na aprendizagem de línguas, mas também, desafios referentes às sessões e acompanhamento totalmente de forma remota.

Palavras-chave: pandemia COVID-19; telecolaboração; ensino/aprendizagem de línguas.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; dany7garcia@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-2813-7538>

Telecollaboration and pandemic: enabling interaction in social distancing

Abstract

In an unprecedented time, the COVID-19 pandemic has created disruptions and the education, since then, has been providing scenarios to delude fragilities and avoid the discontinuity of teaching/learning process. In high education, teletandem (TELLES, 2006, 2009) which is a virtual, autonomous and collaborative context, has enabled interaction between people. Thus, we base on the use of technologies, tandem and telecollaboration theories to focus on the online collaboration in social distancing. This study is grounded on qualitative methodology to present a case study that investigates potentialities and challenges on the completely distance practice. The results have shown that, besides the broad experience with the logistics and teletandem sessions organization, potentialities of language learning as well as challenges towards the sessions and remote follow-up were observed.

Keywords: the COVID-19 pandemic; telecollaboration; language teaching/learning.

Introdução

A pandemia pela COVID-19 assolou os mais diversos setores de nossa sociedade, gerando caos e ansiedade. O mundo vivencia desdobramentos de uma crise sanitária que engloba as nações e demanda mobilização em prol de reorganização. O contexto brasileiro, também, busca remanejamentos e ajustes para que as ações cotidianas sejam menos comprometidas.

Dessa forma, diante de uma sociedade globalizada, o cenário educacional, também afetado pela crise, busca viabilizar as práticas pedagógicas e a conexão entre educadores, educandos e conhecimento por meio de tecnologias e mídias.

É fato que, com a popularização das tecnologias, os processos de ensino e aprendizagem sofreram transformações. Conexões cognitivas e emocionais deixaram de estar/existir somente no espaço de sala de aula e ganharam força no ciberespaço. Hoje temos diferentes ambientes de aprendizagem (presenciais e a distância), metodologias híbridas, espaços formais e informais que se estruturam de forma aberta e/ou fechada. O avanço tecnológico e a gama de ferramentas disponíveis ampliam, nesse contexto, as possibilidades de aprendizagem, bem como auxiliam o professor na implementação de novas metodologias de ensino, visto que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) criaram novas possibilidades de expressão e comunicação [...] (ALMEIDA; CANTO; DUARTE, 2020, p. 80).

O uso das tecnologias se acentua, ainda mais, como possibilidade de dar seguimento às ações de ensino/aprendizagem híbridas ou remotas. Assim, para além de perspectivas de inovação, motivação, metodologias e letramentos, *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, conexões fixas e móveis passam a integrar uma rotina com muita intensidade e relevância. No que diz respeito ao mundo digital, Monte Mor (2020, p. 9-10) afirma que:

[...] a virada digital demanda um ensino de línguas e uma formação docente que incluam transformações e ressignificações sobre o que é ensinar e aprender, no caso, institucionalmente: no modo de compreender as línguas e linguagens em suas multimodalidades, evidenciadas pelo mundo digital (considerando-se as multimodalidades e a linguagem digital, reconhece-se que as “quatro habilidades” são muito mais que quatro), de entender as diferentes culturas, seus sujeitos, de como o conhecimento é construído [...]

Compreendendo que o ensino de línguas deva ir além das estruturas linguísticas e proporcionar vivências significativas, concordamos com Almeida (2018, p. x) na compreensão de que:

[...] é essencial uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas, desenvolvimento de múltiplos letramentos, questionamento da informação, autonomia para a resolução de problemas complexos, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, participação ativa nas redes e compartilhamento de tarefas.

Reconhecemos, assim, o potencial das tecnologias e das ações de colaboração *on-line*/ telecolaboração (BELZ, 2003) / intercâmbio virtual (O'DOWD, 2019) como forma de expandir o trabalho realizado em salas de aulas (físicas ou remotas), oportunizar a internacionalização em casa (HEEMANN; SCHAEFER; SEQUEIRA, 2020) ou, ainda, em tempo pandêmico, engendrar oportunidades para experiências interculturais.

O teletandem, uma forma de colaboração *on-line*, pode ser definido como “um contexto virtual, autônomo e colaborativo no qual dois falantes de línguas diferentes utilizam recursos de tecnologia *VOIP* (texto, voz e imagem de *webcam*) para ajudar o parceiro a aprender a sua língua materna (ou linguagem de proficiência)” (TELLES, 2015, p. 604).

Assim, o presente trabalho objetiva investigar potencialidades e desafios da colaboração *on-line* em teletandem em momento pandêmico, sem a oferta das sessões de orientação e o acompanhamento do grupo de forma presencial, procedimentos comumente adotados até fevereiro de 2020. Assim, discorreremos sobre a telecolaboração, as ações em tandem e o teletandem com base na literatura da área. Em seguida, detalhamos a metodologia empregada para, depois, abordar os dados. Finalmente, tecemos algumas considerações acerca do panorama investigado.

Tecnologias e colaboração

Observando o avanço tecnológico e o cenário das línguas estrangeiras, múltiplas perspectivas emergem como possíveis ações para democratizar o acesso aos povos e culturas, extrapolando a lousa e alcançando as telas. Para Moran (2018, p. 11),

As tecnologias facilitam a aprendizagem colaborativa, entre colegas próximos e distantes. É cada vez mais importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente.

Como possibilidade de alavancar práticas pedagógicas em línguas estrangeiras, o desenvolvimento de posturas autônomas e competência intercultural, em consonância com Moran (2013), vislumbramos a necessidade de empreender flexibilidade, integração, empreendedorismo e inovação ao processo de ensino-aprendizagem e, assim, concebemos, com o suporte das tecnologias, as contribuições da telecolaboração para tal.

Segundo Belz (2002), a telecolaboração é compreendida como aplicação de redes de comunicação globais em línguas estrangeiras. Para ela, trata-se de um tipo de ambiente de aprendizagem no qual estão inseridos pares ou grupos de estudantes de distâncias geográficas, contextos socioculturais e institucionais distintos. Vislumbramos, assim, a utilização de ferramentas de comunicação disponibilizadas pela internet e o estabelecimento de objetivos pautados no desenvolvimento de competência linguística e intercultural (BELZ, 2003).

De acordo com O'Dowd e Ritter (2006), a telecolaboração diz respeito à utilização de ferramentas da comunicação *on-line* para aproximar aprendizes de línguas em diferentes países com a finalidade de desenvolver um projeto de colaboração e intercâmbio intercultural.

A perspectiva de língua mediada pela tecnologia e contato intercultural integra a visão de telecolaboração de Ware e Kramersch (2005). Para Belz e Vyatkina (2008), a telecolaboração constitui-se uma forma de aprendizagem de língua na qual aprendizes em locais distantes empregam ferramentas de comunicação da internet para a interação social, o diálogo e o debate com pares, falantes nativos, de faixa etária similar.

Para O'Dowd e Beaven (2019), o intercâmbio virtual (*virtual exchange*) desenvolve-se por meio das tecnologias, há mais de três décadas, e permite que estudantes universitários integrem projetos colaborativos interculturais (ver FRESCHI; LOPES, 2016). É destacado o crescente interesse, nos últimos anos, podendo ser atribuído à onipresença, pluralidade

de acesso e dispositivos, assim como uma preocupação com a internacionalização da educação.

Aranha e Wigham (2020), em consonância com Lewis e O'Dowd (2016), compreendem a telecolaboração ou intercâmbio virtual na promoção de parcerias de grupos de estudantes em interação e colaboração intercultural *on-line*, considerando-se diferentes contextos culturais e localização, sob o acompanhamento de educadores ou instrutores.

Diante dos autores e conceitos aqui apresentados, podemos observar que a telecolaboração, além das contribuições apontadas, pode se constituir uma das formas para viabilizar o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras em fase de distanciamento social e suspensão de atendimentos presenciais nas universidades, por exemplo. Abordamos, em seguida, a trajetória e definições das ações em tandem com vistas ao teletandem.

Do Tandem ao Teletandem

Concebida na Alemanha, no fim dos anos 60 (BRAMMERTS, 2003) e logo difundida para outros países, a aprendizagem em tandem envolve pares com o objetivo de aprenderem, cada um, a língua do outro por meio de sessões bilíngues de conversação (CZIKO; PARK, 2003). Dessa forma, notamos que cada um dos parceiros se torna aprendiz da língua estrangeira e tutor da sua língua materna. Trata-se de uma forma interpessoal baseada na aprendizagem, que permite uma troca imediata não apenas de informações culturais, mas também de percepções e atitudes (STICKER, 2003).

Considerando que há propósitos definidos, a aprendizagem em tandem extrapola um simples bate-papo entre falantes de línguas diferentes e, sendo assim, apresenta uma estrutura e se pauta em princípios. As sessões em tandem são compostas de duas partes que contemplam a separação de línguas, de modo que os parceiros sejam encorajados a falar a língua-alvo, assegurando-lhes, também, a oportunidade e o desafio de praticar a língua estrangeira. Exercitando a autonomia e reciprocidade, parceiros de tandem são autossuficientes para decidir sobre o que falar e quando falar (BRAMMERTS, 2002).

A partir de uma experiência pessoal com a aprendizagem de italiano, o teletandem surge como proposta de Telles (2006) no Projeto Teletandem Brasil: *línguas estrangeiras para todos*, para atender as demandas de acesso a falantes nativos ou proficientes e suas culturas no Brasil, cuja extensão territorial e os altos custos de cursos e intercâmbios são dificultadores.

Entendemos que estamos diante de um projeto pedagógico que potencializa o desenvolvimento de habilidades e competências na comunicação intercultural.

Estabelecemos, assim, dois momentos cruciais que são as sessões de interação entre os aprendizes e, na sequência, as sessões de mediação. As sessões de mediação podem, também, ser chamadas de sessões de aconselhamento e são conduzidas por professores/pesquisadores/mediadores que, a partir de sua formação teórica e prática, são pessoas capacitadas para atuar no contexto teletandem. Nelas, se discutem aspectos relacionados à prática do aluno, de modo a refletirem juntos sobre os obstáculos e dúvidas relacionados ao aprendizado nas sessões de teletandem (SALOMÃO, 2012). Trata-se de um momento coletivo que, geralmente, ocorre na mesma sala/laboratório da interação de teletandem. Entende-se que a realização das mediações logo após as interações permite que os alunos compartilhem melhor suas experiências, pois acabaram de vivenciar aquele momento e podem expor, com mais realidade, os seus sentimentos (alegria/euforia, tristeza/frustração), gerando maiores possibilidades para se autoavaliar.

Para que as sessões de interação e mediação sejam viabilizadas, há toda uma organização que demanda tempo e comprometimento para que, de fato, a colaboração *on-line* se realize. Podemos mencionar a prévia e constante comunicação e arranjos com as instituições estrangeiras, os processos de inscrição para estudantes interessados, remanejamento de faltas, a oferta de orientação pedagógica para o início das interações, o suporte tecnológico e pedagógico no acompanhamento das interações, o gerenciamento das parcerias e imprevistos, a condução das sessões de mediação, etc.

Apesar dos muitos procedimentos, visualizamos o grande potencial da telecolaboração, como a ampliação de possibilidades de internacionalização das universidades em todo o mundo pela utilização de ferramentas digitais (SALOMÃO, 2020). A autora menciona o Programa BRaVE (*Brazilian Virtual Exchange*), implementado na UNESP em 2018, como maneira de realizar atividades colaborativas de intercâmbio virtual em diversas disciplinas e áreas do conhecimento. Para ela,

Uma das principais diferenças entre o Teletandem e o Programa BRaVE é que o segundo não tem como principal foco a aprendizagem de línguas, mas sim o intercâmbio de ideias entre os alunos por meio de atividade conjunta relacionadas a uma disciplina de graduação ou pós-graduação. (SALOMÃO, 2020, p. 62).

Frente à descontinuidade de atividades presenciais ocasionadas pela pandemia, o teletandem é apontado por Ross e DiSalvo (2020) para facilitar a transição do ensino presencial para o remoto, oferecendo-se a possibilidade de comunicação. Retratam o teletandem como iniciativa bem-sucedida de colaboração *on-line* entre Estados Unidos (*Harvard University*) e Brasil (Universidade Estadual Paulista) e, neste momento específico, como maneira de suprir as necessidades do distanciamento social.

Compreendemos, assim, que a telecolaboração apresenta o potencial para articular cenários para acesso aos povos, línguas, culturas e, ainda, para promover a continuidade do processo de ensino/aprendizagem durante momento de fragilidades sem precedentes.

Detalhando o cenário de investigação

O trabalho aqui apresentado apoia-se na pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista para estudo de caso (YIN, 2013) com vistas aos paradigmas construtivistas.

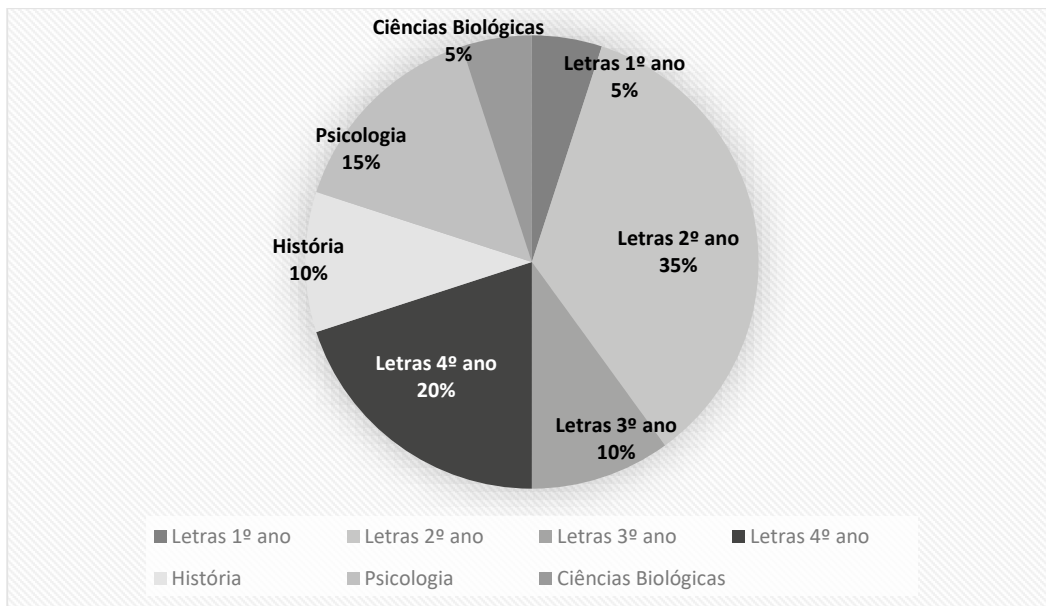
Nosso cenário contempla a condução das sessões de interação em teletandem entre uma universidade pública brasileira e uma instituição estrangeira dos Estados Unidos realizadas em momento pandêmico e de distanciamento social. Sendo assim, as ações corriqueiras de logística, de interação e mediação, sempre desenvolvidas presencialmente no laboratório da instituição, foram modificadas e transportadas, emergencialmente, para o contexto virtual.

O gerenciamento previamente conduzido entre o Brasil e o exterior se mantiveram pela comunicação via *e-mail* e WhatsApp, assim como os procedimentos de divulgação de vagas e processo de inscrição. Todavia, a sessão de orientação, que tende a ocorrer antes do início das interações e formação das parcerias, foi promovida pela pesquisadora/professora/mediadora via Zoom, as interações de colaboração *on-line* foram realizadas das casas dos participantes e não mais no laboratório, com o grupo todo e, por fim, as sessões de mediação em seu formato tradicional, com a presença dos participantes e pesquisadores/professores/mediadores foram substituídas pela comunicação no grupo de WhatsApp para questões emergenciais e pelo preenchimento semanal de formulários *on-line* para *feedback* e acompanhamento. Com o ensino remoto, o horário das interações não se manteve fixo em consonância com as aulas da parceria internacional, mas optou-se por contemplar a disponibilidade dos pares, sugerindo-se, apenas, a realização de uma sessão de interação nas semanas estipuladas.

Diante do cenário exposto, observa-se que a pandemia nos deslocou da zona de conforto e *expertise* da condução da telecolaboração na universidade. Como se pode observar, o impedimento de utilização do laboratório e, conseqüente, da assistência/acompanhamento do pesquisador/professor/mediador gerou a necessidade de remanejamentos como forma de evitar a descontinuidade de práticas pedagógicas em língua inglesa, incluindo as ações em teletandem.

As informações aqui compartilhadas referem-se à realização de cinco sessões regulares de teletandem em agosto de 2020 e uma opcional, com a participação de 20 parcerias de brasileiros e estadunidenses. O gráfico 1 demonstra o perfil dos participantes de alunos de Graduação do grupo brasileiro.

Gráfico 1. Perfil dos participantes



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à participação dos estudantes, destacam-se os da Graduação em Letras e já cursistas de Língua Inglesa na instituição. Todavia, como uma experiência aberta ao *campus*, há outros cursos envolvidos, como se pode observar.

Utilizamos, aqui, dados dos participantes referentes aos registros de inscrição via formulários e planilhas *on-line*, comunicação via WhatsApp e formulários de *feedback*/acompanhamento enviados ao pesquisador/professor/mediador. O recorte realizado contempla dados de 11 aprendizes, selecionados de acordo com sua assiduidade nas interações e envio de *feedback*, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1. Participantes observados

Nome fictício	Curso	Ano
Hugo	Letras	4º
Barbara	Letras	3º
Gabriela	Letras	2º
Vicente	Letras	2º
Thaís	Letras	2º
Murilo	Letras	2º

Melissa	Letras	2º
Isadora	Letras	1º
Anabela	História	1º
Andreia	Psicologia	5º
Jeferson	Psicologia	4º

Fonte: Elaboração própria

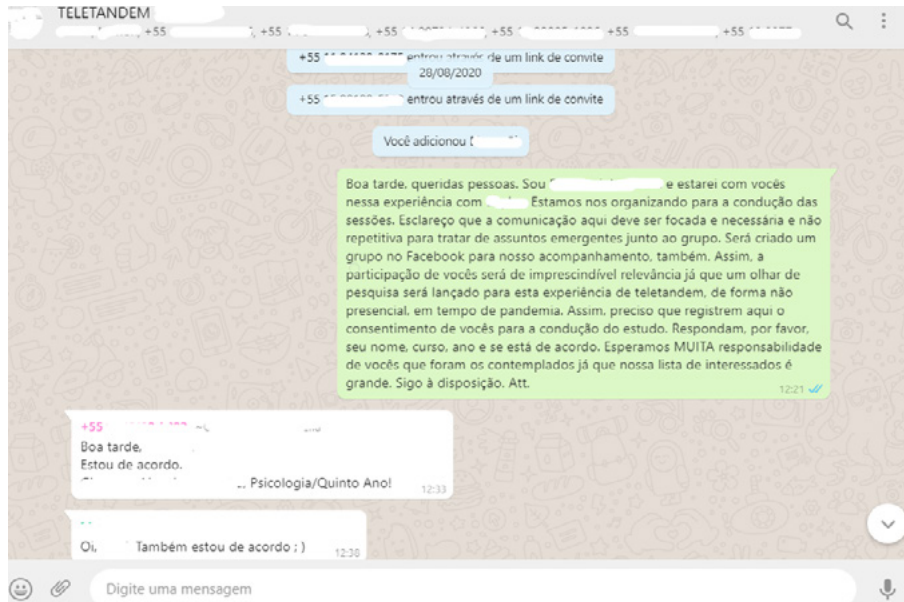
Em relação à organização e acompanhamento do processo, contamos com a presença de uma pesquisadora de mestrado (Daiane), que foi responsável pela logística de comunicação com o exterior, processo de inscrição e condução da sessão de orientação e de duas estudantes/pesquisadoras (Helena e Clara), juntamente com a docente/pesquisadora, proponente deste estudo. Passamos, a seguir, à análise dos dados compilados.

Análise de dados

Como já afirmado, a telecolaboração surge, também, como uma das possibilidades de evitar a descontinuidade do cenário pedagógico em línguas estrangeiras em momento de pandemia. Assim, apesar de encontrar desafios, entendemos que as potencialidades do contexto não devem ser desprezadas em prol de crescimento e oportunidades aos estudantes. Sendo assim, compartilhamos os dados provenientes de experiência telecolaborativa, conduzida totalmente a distância, sem os encontros de orientação ou as sessões de interação e mediação no Laboratório da universidade.

Após a disponibilização e divulgação das vagas, o processo de inscrição foi realizado via formulário *on-line*, com um total preenchimento em menos de quatro horas após sua abertura. O recorte aqui apresentado aborda o acompanhamento realizado entre pesquisadoras/mediadoras e participantes no intuito de esclarecer os procedimentos, ofertar acolhimento, providenciar suporte e estabelecer a comunicação de forma ágil. Dessa forma, foram criados grupos no WhatsApp e Facebook, tendo o primeiro recebido maior adesão pelos participantes. A figura 1, a seguir, revela a mensagem inicial enviada pela docente/pesquisadora.

Figura 1. Mensagem no Grupo de WhatsApp – TELETANDEM *Universidade do Exterior*

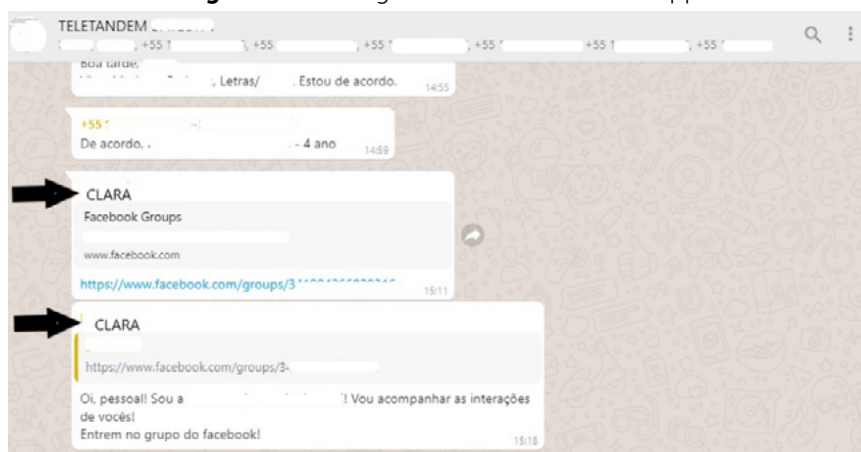


Fonte: Acervo pessoal

A mensagem esclarece o intuito da comunicação no grupo de WhatsApp e, também, reforça a importância da participação, não apenas pelos motivos de investigação, mas também pelo grande interesse na procura das vagas para realização de teletandem.

A figura 2 ilustra a comunicação de Clara, estudante/pesquisadora/mediadora, apresentando-se e convidando para a participação no grupo fechado no Facebook.

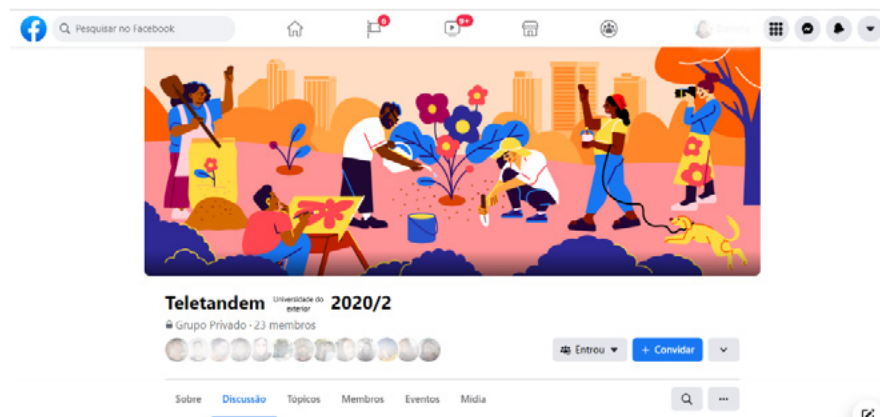
Figura 2. Mensagens de Clara no WhatsApp



Fonte: Acervo pessoal

A figura 3 ilustra o grupo de Facebook criado como uma forma complementar de estabelecer comunicação e oferecer suporte aos participantes.

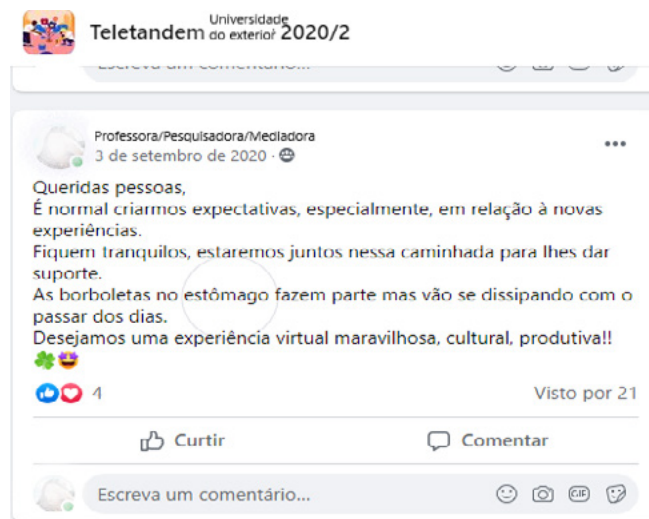
Figura 3. Grupo fechado de *Facebook* – TELETANDEM *Universidade do Exterior*



Fonte: Acervo pessoal

Na figura 4, é possível observar mensagem, inicialmente, enviada pela professora/pesquisadora/mediadora aos participantes, como forma de acolhimento e, também, de demonstrar suporte ao longo da experiência de teletandem conduzida durante distanciamento social.

Figura 4. Mensagem no Grupo de Facebook – TELETANDEM *Universidade do Exterior*



Fonte: Acervo pessoal

A partir dos formulários *on-line* de *feedback/acompanhamento*, semanalmente enviados ao pesquisador/professor/mediador, podemos notar que, além da oportunidade de

praticar a língua estrangeira em momento de distanciamento social, a pandemia, também, foi abordada nas interações. O excerto 1 compila os comentários de Thais, Andreia e Jeferson sobre a primeira interação realizada.

Excerto 1. Comentários sobre a interação (Formulário *on-line* 1ª Interação)

Eu simplesmente adorei, conseguimos conversar bastante durante o nosso encontro, falamos um pouco sobre nós, sobre como estava nossas vidas durante a pandemia, sobre coisas que gostamos de fazer e ensinamos uns aos outros algumas gírias e expressões em cada língua. Por ele estar aprendendo português há apenas duas semanas, conversamos muito mais em inglês, mas ele pode expandir o seu vocabulário e também saber como se pronunciava as palavras em português e eu pude treinar o meu *speaking* e o meu *listening* em inglês. (Thais)

Foi uma interação bem bacana. Acho que ambas nos sentimos bem confortáveis e conversamos um pouco sobre nós, sobre a pandemia e foi tudo muito leve. Conversamos muito em inglês porque minha parceira começou a estudar português há duas semanas. Ela leu algumas frases da apostila de português que ela está estudando e discutimos sobre pronúncia e algumas regras gramaticais. (Andreia)

Nos apresentamos, conversamos sobre nossas vidas, nossa história, coisas que gostamos mais, como livros, músicas, ela falou que foi pra casa por conta de ter pego COVID, mas não tinha muitos sintomas. Ela é beeem legal, e bem aberta ao diálogo. (Jeferson)

Fonte: Elaboração própria

Para Thais e Andreia, a primeira interação foi muito positiva, como se pode, inicialmente, observar nos relatos. Elas mencionam os assuntos abordados, incluindo a pandemia. Mencionam, também, a prática preponderante em inglês dado o pouco tempo de estudo dos parceiros na língua portuguesa, questão à qual recorreremos adiante. Jeferson elogia a parceira e sua abertura ao diálogo. A COVID esteve entre as temáticas discutidas na interação.

No excerto 2, o comentário de Murilo reconhece contribuições do teletandem em momento pandêmico.

Excerto 2. Comentário sobre a interação (Formulário *on-line* 2ª Interação)

Conseguimos prosseguir na troca de conhecimento e, principalmente, de cultura e realidade de cada um. As sessões têm me motivado nesta quarentena e alegrado por poder praticar o Inglês e contribuir para o aprendizado de Português do meu parceiro. Ele é atencioso e companheiro. A cada sessão, conheço um pouco mais dele, sobre sua família e a rotina universitária que ele tem agora durante a pandemia. (Murilo)

Fonte: Elaboração própria

Para o participante, a experiência lhe traz motivação e alegria por poder praticar a língua inglesa e, ainda, auxiliar o parceiro na aprendizagem de língua portuguesa. É possível afirmar que, ainda que em meio a desafios de várias naturezas (logísticos, emocionais, pedagógicos), deparamo-nos com um comentário que tão bem expressa o objetivo da condução de sessões de teletandem ainda que em contexto de pandemia. Sabemos que há um grande comprometimento de uma equipe para que as sessões ocorram, demandando tempo e trabalho extra, todavia, as contribuições e o potencial extrapolam todo o cansaço e os desafios e nos impulsionam a aperfeiçoar os processos de modo a gerar oportunidades aos aprendizes interessados nas práticas em teletandem.

A possibilidade de realizar as sessões de interação em casa é mencionada por Vicente, como podemos observar no excerto 3.

Excerto 3. Comentários sobre a interação (Formulários *on-line* 3ª e 6ª Interações)

Estou tirando muito proveito, não sei se por ter a vantagem de poder fazer em casa, mas sinto que está fluindo muito bem. É uma grande experiência quanto à troca de culturas, dúvidas e aprendizagem sobre línguas, a inglesa, no caso. (Vicente – Interação 3)

Esta foi a minha segunda experiência no teletandem e posso dizer que foi melhor que a primeira. Penso que isso se deu pelo motivo da flexibilidade de estar em casa, o que dá maior liberdade para ambos, e poder combinar os horários com o parceiro, além, obviamente, de ter conseguido uma parceira muito simpática e interativa. (Vicente – Interação 6)

Fonte: Elaboração própria

De acordo com Vicente, a realização das sessões de teletandem em casa é vista como vantagem, assim como a liberdade para os agendamentos. Em seus comentários, observa-se animação na experiência de aprendizagem, envolvendo cultura, dúvidas e a língua. Ele, por fim, enaltece características de sua parceira como, também, um fator para boa avaliação de sua experiência.

Como já mencionado, a pouca proficiência linguística dos parceiros estrangeiros é apontada por alguns participantes, como Thais e Andreia (no excerto 1), e outros, como se pode observar a seguir.

Excerto 4. Comentários sobre a interação (Formulário *on-line* 1ª Interação)

Minha parceira se mostrou muito interessada em aprender a língua portuguesa, e está estudando e se esforçando para isso. Entretanto, ela está em um estágio muito inicial do curso de português, em uma fase básica, quase introdutória – está aprendendo as expressões e frases mais importantes (como saudações, agradecimentos, números e perguntas), e por isso ela não conseguiu manter os 30 minutos conversando inteiramente em português. Mesmo com o aviso para não misturarmos idiomas, precisamos misturar um pouco durante os 30 minutos de conversa em português. Caso contrário, não teríamos conseguido conversar por muito tempo, pela inabilidade dela de sustentar a língua e ainda não possuir muito domínio. Para mim, isso não foi um problema. Durante esse período da conversa em português, focamos muito mais nas dúvidas dela do que em manter um diálogo para nos conhecermos, como foi com o momento da interação somente em inglês. Ajudei-a com a pronúncia, palavras que ela não conhecia quando queria formular uma frase e com a gramática. [...] A experiência de ajudá-la a aprender português e de exercer meu inglês com um falante nativo foi incrível! (Anabela)

A pouca base da língua estrangeira que o parceiro possui atrapalhou um pouco em seu desempenho, creio que se ele tivesse estudando ao menos há 6 meses, poderia ter um rendimento melhor, pois estaria mais familiarizado e saberia fazer ao menos uma pergunta ou soltar alguma expressão, usar a língua, os conhecimentos que ele adquiriu. Porém, é uma grande chance a ele! (Barbara)

Minha parceira está estudando português há apenas 2 semanas. (Andreia)

Fonte: Elaboração própria

A falta de equilíbrio na proficiência linguística dos pares pode acabar por comprometer as interações gerando desmotivação, frustração e, até mesmo, desistências, de ambos os participantes. Telles (2009) discorre sobre os Princípios da aprendizagem em tandem e acerca do que descrevemos, é possível observar que a falta de equidade linguística pode interferir no uso separado de línguas e na reciprocidade já que, com a desigualdade, as oportunidades de produção linguística não serão as mesmas para os participantes. Assim, uma língua e um aprendiz poderão ser penalizados pela inabilidade de comunicação na língua que se aprende e, por outro lado, o outro mais beneficiado já que se apoiará na língua de conforto e de maior proficiência.

No excerto 4, transparece que a mistura de línguas se dá pela falta de conhecimento em uma das línguas e, assim, o conseqüente desempenho linguístico baixo e a mistura de

línguas durante as interações. Ficam claros os esforços dos participantes brasileiros em acolher e auxiliar seus pares na aprendizagem telecolaborativa.

O excerto 5 retrata um olhar avaliativo dos participantes para com o desenvolvimento de seus pares.

Excerto 5. Comentários sobre a interação (Formulário *on-line* 4ª Interação)

As nossas interações sempre são muito boas, é sempre muito divertido os assuntos que abordamos, nessa interação ele tentou falar mais em português, e na minha opinião ele está indo muito bem. Sempre ensinamos um ao outro palavras novas no vocabulário. (Thais)

Como de habitual nas interações, trabalhamos nas dúvidas de português de minha parceira, novos temas que ela estava aprendendo – que no caso era sobre alimentos – e conseguimos conversar em português de maneira mais consistente. É possível notar a evolução dela com a língua ao decorrer dos estudos e das interações. Também tivemos momentos para conversar sobre nossas culturas em nossos países. (Anabela)

Fonte: Elaboração própria

As participantes Thais e Anabela, depois da quarta interação, discorrem acerca do progresso observado no desempenho de seus pares. Para elas, há um avanço na aprendizagem e produção linguística na interação em língua portuguesa, além das trocas culturais e da variedade de assuntos abordados.

A visão das pesquisadoras/mediadoras, também, constitui-se relevante para nos ajudar a compreender o contexto aqui compartilhado. Sobre os pontos positivos e negativos na organização/condução/acompanhamento das sessões de teletandem na pandemia, esclarecem que:

Excerto 6. Relatos das pesquisadoras/mediadoras (Formulário *on-line*)

O ponto positivo é definido pela praticidade no acesso, visto que poderia acontecer da própria casa do participante, não havendo a necessidade de comparecer ao laboratório presencial. O negativo engloba a dificuldade em monitorar as interações dos alunos, programar horários, atender aos pedidos e acompanhar as sessões com base nos relatos que nem sempre eram precisos. Desse modo, fazia-se mais necessário o acompanhamento presencial, pois os mediadores estariam ao lado, observando e recolhendo as informações. (Helena)

Nessa turma, os alunos não tinham um horário marcado para todos realizarem a interação ao mesmo tempo. Com a turma da *Outra Universidade no exterior*, no primeiro semestre, era mais fácil de controlar quem participava ou não e por qual motivo a interação não aconteceu porque os interagentes do Brasil ficavam todos *on-line* no WhatsApp no horário marcado. Apesar da distância, era mais fácil organizar do que quando só o dia era fixo, como foi o caso desta *Universidade no exterior*. Aqui, os interagentes tinham mais liberdade para escolher o horário junto com o parceiro, mas era mais difícil solucionar os problemas que aconteciam porque cada dupla fazia a interação em um horário. Isso se reflete na mediação também, apesar de sempre lembrá-los de responder o formulário, muitos não respondiam na hora. Em *Outra Universidade no exterior*, eu percebi que eles respondiam sempre, e acho que isso se deve ao fato de ter um mediador disponível no horário em que todos fazem a interação, que lembre todos e que ajude caso algo aconteça. Apesar dos horários de cada interagente serem levados em consideração e do fato de cada um ser diferente, eu acho que a experiência teria sido mais organizada em termos de controle de presença, resolução de problemas e mediação se os alunos tivessem horários específicos que pudessem escolher, ao invés da escolha livre, porque os responsáveis conseguem ajudar mais. (Clara)

Fonte: Elaboração própria

É possível observar que, como Vicente no excerto 3, Helena menciona a praticidade da realização das interações de forma remota. Em termos de desafios, tanto Clara quanto Helena reconhecem dificuldades no acompanhamento remoto dos participantes, considerando a autonomia de escolha de horários de interações. Sendo dessa forma, o pesquisador/mediador não conseguia mostrar-se disponível para o momento de interação de todos os pares, pois, como menciona Clara, “era mais difícil solucionar os problemas que aconteciam porque cada dupla fazia a interação em um horário”.

No relato de Clara, contrastando com uma outra experiência que possui, observamos sua preferência pela realização das interações em horário pré-determinado, comum a todos os participantes, característica inerente às sessões organizadas presencialmente no Laboratório. Segundo ela: “eu acho que a experiência teria sido mais organizada em termos de controle de presença, resolução de problemas e mediação se os alunos tivessem horários específicos que pudessem escolher, ao invés da escolha livre, porque os responsáveis conseguem ajudar mais”.

Uma outra questão pontuada pelas pesquisadoras/mediadoras é o acompanhamento dos participantes conduzido via formulários *on-line*, como possibilidade de manter os procedimentos de sessões de mediação. Tal questão é mencionada no excerto 6 e reforçada no excerto 7 quando são abordados os desafios.

Excerto 7. Relatos das pesquisadoras/mediadoras (Formulário *on-line*)

Organizar os alunos em um cronograma que todos consigam acompanhar, atender às dúvidas e pedidos dos participantes, acompanhar os relatos e conferir se eles realmente expressavam as informações pedidas. (Helena)

Para mim, o mais difícil foi fazer a mediação através do [Google] Forms. Senti que era muito raso de analisar, talvez pelo costume da roda de conversa, em que, além das palavras, era possível ver se o aluno estava empolgado ou não. Além dos diferentes horários, era mais complicado de organizar. (Clara)

Fonte: Elaboração própria

Como já comentado, o preenchimento do formulário objetivava o *feedback* e, também, uma possibilidade/tentativa de mediação e acompanhamento. Clara afirma que “era muito raso de analisar” e, diferentemente dos encontros presenciais, possuíam apenas as palavras e não as expressões faciais e corporais. Helena, no excerto anterior, menciona a imprecisão dos relatos.

Considerações finais

Considerando a pandemia e os procedimentos adotados como forma de evitar a descontinuidade das ações de telecolaboração já promovidas há mais de uma década, é possível afirmar que os desafios emergenciais impactam a condução das ações em teletandem, como no caso aqui compartilhado.

Há pontos importantes mencionados, por exemplo, a flexibilidade do horário das interações e, também, sua realização em casa e não na instituição. Chamamos a atenção, ainda, para a diferença de proficiência linguística apontada por alguns pares e o engajamento dos brasileiros em sempre oferecer ajuda, ainda que isso interfira na sua agenda para a colaboração *on-line* e, por fim, as adversidades no acompanhamento por parte das pesquisadoras/mediadoras.

Para todos os pontos apresentados, entendemos que um alinhamento robusto deva ser priorizado na comunicação inicial entre as instituições, de modo a evitar contratemplos. Como mencionado por Clara, a padronização do horário das interações, assim como realizado de forma presencial e já realizado em outras interações, pode ser de grande

valia para este momento singular. Dessa forma, os professores/pesquisadores/mediadores poderiam organizar, logo após a interação, um diálogo *on-line* com o grupo de participantes. Este é o formato das sessões de mediação presencialmente conduzidas e poderia potencializar e resguardar a experiência. O alinhamento envolveria, também, uma discussão acerca do mapeamento da proficiência linguística, tempo de estudo da língua estrangeira, habilidades dos participantes dos dois países, o que poderia ser feito, em cada país, por meio de formulários *on-line*. Compreendemos que as parcerias devem possuir semelhante nível de estudo e proficiência na língua para que possam estabelecer uma boa comunicação.

É possível afirmar que a sólida trajetória da condução de sessões de telecolaboração em teletandem nos auxilia a buscar possibilidades para viabilizar ações ainda que em fase de distanciamento social. Auxilia, também, a detectar dificuldades e buscar remanejamentos. Apesar de observarmos contribuições, nos dados aqui enfocados, observamos procedimentos que merecem ajustes de forma que os pares se sintam confortáveis e motivados para a prática e, da mesma forma, professores/pesquisadores/mediadores.

A articulação de um cenário educacional em meio a uma crise sanitária, em caráter emergencial, demandou agilidade e um adentrar em território desconhecido. Neste momento, com um olhar mais apurado, podemos avaliar as contribuições e desafios e, também, as ações que devem ser mantidas ou aprimoradas. Reconhecemos que avançamos ao oportunizar espaços para práticas pedagógicas em línguas estrangeiras e reconhecemos, ainda, que os processos pelos quais passamos nos lapidam para vislumbrar a educação sob variados prismas e isso nos transforma e promove transformações. E, assim, seguimos a desbravar territórios quer sejam presenciais, remotos ou híbridos.

Agradecimentos

Agradeço às pesquisadoras/mediadoras que tanto se esforçaram nesta empreitada, sob nomes fictícios Daiane, Clara e Helena.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Apresentação. In: BACICH, L.; MORAN, J. (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. p. x- xiii.

ALMEIDA, A. C. P.; CANTO, C. G. S.; DUARTE, G. B. Complexidade, motivação e metodologias ativas: emergência de *outputs* enriquecidos. In: LEFFA, V. J. et al. (org.). *Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2020. p. 65-87.

ARANHA, S.; WIGHAM, C. R. Virtual exchanges as complex research environments: facing the data management challenge. A case study of Teletandem Brasil. *Journal of Virtual Exchange*, n. 3, p. 13-38, 2020.

BELZ, J. A. Linguistic Perspectives on the Development of Intercultural Competence in Telecollaboration. *Language Learning & Technology*, v. 7, n. 2, p. 68-117, 2003.

BELZ, J. A.; VYATKINA, N. The Pedagogical Mediation of a Developmental Learner Corpus for Classroom-Based Language Instruction. *Language Learning & Technology*, v. 19, n. 1, p. 33-52, 2008.

BRAMMERTS, H. Aprendizagem autônoma de línguas em Tandem: desenvolvimento de um conceito. In: DELILE, K. H.; CHICHORRO, A. (ed.). *Aprendizagem autônoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri, 2002.

BRAMMERTS, H. Autonomous language learning in tandem. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (ed.). *Autonomous Language Learning In-Tandem*. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, 2003.

CZIKO, G. A.; PARK, S. Internet audio communication for second language learning: A comparative review of six programs. *Language Learning & Technology*, v. 7, n. 1, p. 15-27, 2003.

FRESCHI, A. C.; LOPES, Q. B. Potenciais sequências de aprendizagem intercultural no teletandem: a importância da mediação. *Revista do GEL*, v. 13, n. 3, p. 49-74, 2016.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (ed.). *The Landscape of Qualitative Research: Theories and issues*. Thousand Oaks, Ca: Sage Publications, 1998.

HEEMANN, C.; SCHAEFER, R.; SEQUEIRA, R. M. O potencial da telecolaboração para o desenvolvimento da competência intercultural no contexto da internacionalização em casa. In: LEFFA, V. J. et al. (org.). *Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2020. p. 129-152.

LEWIS, T.; O'DOWD, R. Introduction to Online Intercultural Exchange and This Volume. *In: LEWIS, T.; O' DOWD, R. (ed.). Online Intercultural Exchange: Policy, Pedagogy, Practice.* London: Routledge, 2016. p. 3-20.

MONTE MOR, W. O ensino e o(a) professor(a) de línguas na sociedade digital. *In: LEFFA, V. J. et al. (org.). Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada.* Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2020. p. 7-11.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In: BACICH, L.; MORAN, J. (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.* Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In: MORAN, J. M. et al. Novas tecnologias e mediação pedagógica.* Campinas: Papyrus, 2013. p. 11-72.

O'DOWD, R. *Evaluating the Impact of Virtual Exchange on Initial Teacher Education: A European Policy Experiment.* The EVALUATE Group. 2019.

O'DOWD, R.; BEAVEN, A. Examining the impact of virtual exchange: An exploration of where virtual exchange belongs in institutional strategy. *Forum*, winter, p. 14-16, 2019.

O'DOWD, R.; RITTER, M. Understanding and Working with Failed Communication in Telecollaborative Exchanges. *CALICO Journal*, v. 23, n. 3, p. 623-642, 2006.

ROSS, A. F.; DISALVO, M. L. Negotiating displacement, regaining community: The Harvard Language Center's response to the COVID-19 crisis. *Foreign Language Annals*, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/flan.12463>. Acesso em: 02 jul. 2020.

SALOMÃO, A. C. B. Novos contextos de telecolaboração: perspectivas e desafios para a formação de professores. *In: SOUZA, F. M.; CARVALHO, K. C. H. P.; MESSIAS, R. A. L. Telecolaboração, ensino de línguas e formação de professores: demandas do século XXI.* São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EdUEPB, 2020. p. 59-82.

SALOMÃO, A. C. B. *A cultura e o ensino de língua estrangeira: perspectivas para a formação continuada no projeto teletandem.* 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

STICKER, U. Student-centred counseling for tandem advising. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (ed.). *Autonomous Language Learning In-Tandem*. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, 2003. p. 115-122.

TELLES, J. A. Teletandem and performativity. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2015.

TELLES, J. A. (org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

TELLES, J. A. *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos – Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2006.

WARE, P. D.; KRAMSCH, C. Toward an Intercultural Stance: Teaching German and English through Telecollaboration. *The Modern Language Journal*, v. 89, n. 2, p. 190-205, 2005.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2013.